

Qual o lugar para o amor de transferência na época atual?

LAURA PIGOZZI

Introdução

A dificuldade do laço social caracteriza a época atual: o fascínio e a dependência aparecem como modelos da relação com o Outro. Um número considerável de indivíduos corre o risco de ficar enredado nas redes mágicas e arbitrárias de um guru, de um chefe, de um ditador. Essas formações se fazem presentes e ativas não apenas sob uma ditadura, mas também no cotidiano, nas organizações internas da cidade, aquelas onde o chefe domina com a ajuda de uma forma de controle hipnótico sobre os indivíduos e o grupo. O absolutismo fanático com o qual alguns líderes, mais cedo ou mais tarde, pedem para ser seguidos não seria possível sem ativar uma certa área hipnótica, primitiva, fora da lei. É neste contexto que se estabelecem laços pessoais demasiadamente fixos ou ausentes. As fronteiras, em todos os níveis, se abrem ou se tornam rígidas. Entre os extremos da fusão e a rigidez mortífera da ausência de amor, que temos de enfrentar hoje, o amor de transferência e o discurso analítico não têm porventura de encontrar o seu lugar e abrir caminho para uma terceira via, - e uma terceira voz - que é absolutamente indispensável face ao colapso da civilização?

A preocupação ética da psicanálise só pode ser hoje igualmente política. Os novos analisados revelam frequentemente um tipo de cidadania inédito: o «cidadão-criança», aquele que tem pouca ligação com o coletivo, sem nenhum respeito pelo outro, sem conhecer as regras da negociação, senão a soberba disparidade entre ele e os outros. O sentido cívico não lhe fala verdadeiramente: mas como poderia conhecer a civilidade se o seu primeiro Outro, o Outro materno, matriz das relações posteriores, lhe apresentou uma versão da vida em que a pulsão seria ilimitada; uma existência em que o ventre da mãe transmitiu este consumo sem fim, que se encontrará depois no cotidiano neocapitalista?

A família contemporânea pretende dirigir a escola, a saúde e as leis. Mas a família não pode fazer a lei precisamente porque a família é o lugar onde o sujeito é mais traumatizado.

Em uma publicação recente, fui em busca da raiz do fascínio por um líder, guru, líder, em detrimento de qualquer espírito crítico.

Ser fascinado é um problema atual. O fascínio hipnótico surge com o nascimento do homem a

ponto de a criança ser capturada na busca do olhar e do seio da mãe. Foi aí que fomos expostos ao primeiro fascínio. A subjetividade não é senão um longo caminho de libertação desta captura e submissão originárias. De fato, a clínica da dependência é a que enfrentamos todos os dias.

A barbárie é uma regressão, isto é, não é o nascimento de algo novo, mas o surgimento de algo antigo e primitivo que faz retroceder. É uma característica das épocas bárbaras procurar um líder a quem se possa recorrer, um líder de quem a "massa" depende. Em épocas em que a democracia é incerta, vacila, aquele fascínio que sempre existiu para cada um de nós reaparece. Na verdade, temos a hipnose dentro de nós e ela nos é constitutiva.

A civilização, em si mesma, não é uma fronteira suficiente diante da barbárie, como a Felix Austria (a feliz Áustria) mostrou. Embora no auge do progresso, ela foi ao mesmo tempo o berço do nazismo. No início do século XX, a Áustria era o país dos gênios: Freud, Wittgenstein, Hofmannsthal, Roth, Schönberg, Malher, Webern, Klimt, Schiele e outros. E ainda assim Zweig foi « testemunha angustiada e impotente desta inconcebível recaída da humanidade num estado de barbárie que, embora se tivesse podido pensar num tempo esquecido, reaparecia, pelo contrário, brandindo claramente o dogma da anti-humanidade como programa de ação."

A sede por submissão. Nossa civilização está criando funcionários da dependência. A dependência é o que Primo Levi chamou de "a infecção original da alma". É a declinação contemporânea da pulsão de morte.

A dependência se manifesta naqueles que se separaram com menos sucesso da primeira simbiose materna e a repetem em substâncias tóxicas - drogas, jogos, internet. Trata-se de pessoas que permanecem sob a dependência materna mais tempo do que o necessário. A dependência tem também uma dose de captura hipnótica.

É assim que se produzem cidadãos-crianças que são o sonho de qualquer ditador.

Poder-se-ia dizer que a democracia, a mais laboriosa, é um trabalho de resistência a essa força primitiva.

No registo da clínica sou muitas vezes levada a explicar, nos encontros com os pais, que a separação é o exato oposto do abandono, que não é senão o reverso especular do abismo da simbiose. Deve-se dizer que se a mãe, no início da vida, não estivesse disposta a aceitar a dependência absoluta de seu filho, ele morreria: o fundamento do ser humano é, de fato, a dependência. Todavia, pode-se dizer que a psicanálise não fez senão sublinhar - nos seus

diversos movimentos e com paradigmas e linguagens diversas - que a tarefa de cada ser humano passa por uma renúncia à unidade original e imaginária com a mãe.

Lacan coloca a "sépartition" original (queda da placenta), como matriz da separação da mãe e seu seio durante o desmame e de todas as separações futuras. O conceito de "sépartition" diz essencialmente que só quem pode separar-se de uma parte de si (isto é, suportar a perda) poderá separar-se da mãe e dos seus substitutos posteriores. Separar-se originariamente é primeiramente perder algo de si mesmo para dar lugar à vida, porque, se o sujeito não perder algo de si mesmo, não poderá perder o seio ou o corpo da mãe, ou seja, não poderá ser desmamado. A era da acumulação diz que perder é um tabu, mas perder não é angústia: é antes uma solução, porque a angústia designa, como Lacan apontou, "falta da falta".

Freud escreve a Lou Andreas Salomé: «O que me interessa é a separação e a articulação daquilo que, de outro modo, acabaria por resultar num magma primário» (o mingau originário).

Uma certa forma de dependência, ligada a uma separação insuficiente, é hoje o nome mais difundido da pulsão de morte. Se o homem tem em si um fundo tão obscuro e mortífero que o inclina ao fechamento, à obediência, à passividade, isto é, ao totalitarismo como aniquilação do desejo próprio da vida, segue-se que uma forte dependência da mãe exacerba esta tendência primitiva do homem. Se os pais deram vida aos seus filhos, devem, por conseguinte, retirar-se para os deixar viver e não para dedicar toda sua vida a seus filhos, nem tampouco para os servir. O protótipo da plus-materno é aquele que te submete enquanto te serve.

A sede do homem por submissão não vem tanto do pai primitivo, mas sim da mãe onipotente e primeiríssima como o chefe da massa.

Aquele que teve uma mãe suficientemente separada dele está menos propício a esse tipo de fascínio.

Assim, se uma das preocupações éticas da psicanálise é trabalhar para a subjetivação dos analisantes, esse resultado tem inegavelmente uma incidência política. Isso na medida em que ela faz contraponto a cada colapso da civilização, colapso que tem sua raiz mortífera na dependência e submissão ao Outro primitivo.